



## **Exus Guardiões no combate aos Magos Negros: os novos discursos de cientificação de Exu na literatura umbandista**

LÉO CARRER NOGUEIRA\*

**Resumo:** Exu quase sempre foi visto no Brasil como uma entidade vinculada a elementos negativos, quando não associada diretamente ao próprio Diabo Cristão, influência dos discursos de alguns dos principais viajantes europeus que pisaram em terras Iorubás durante o século XIX. Tais visões inferiorizantes influenciaram na forma com que o orixá Exu seria resignificado na Umbanda brasileira. Na diáspora africana, Exu sofreu múltiplos processos de resignificações e hidridizações, dando origem a uma multiplicidade de seres diferentes, indo desde o Exu-orixá cultuado nos Candomblés até o Exu-egum presente nos terreiros da Umbanda e Quimbanda. Na literatura umbandista ele já recebeu diversas explicações, mas quase sempre manteve uma interpretação dúbia, que o colocava sempre como capaz de fazer tanto o bem quanto o mal. A partir de finais da década de 1990 surge no Brasil uma nova modalidade de literatura umbandista. Fortemente influenciados pelos conceitos kardecistas, estes novos autores procuram explicar as práticas umbandistas sob uma ótica racionalizante que lhes permita aproximá-la ao máximo dos ideais da religião de Allan Kardec. Para isto, eles se apropriam de uma técnica médico-espiritual desenvolvida no Brasil nos anos 1960 denominada de “Apometria”, que busca curar o paciente através do desdobramento de seu corpo espiritual do corpo físico. A união desta técnica com os rituais umbandistas geraria uma nova forma de se praticar a Umbanda, no seio da qual as próprias entidades umbandistas seriam resignificadas à luz destes novos conceitos. Exu seria um exemplo disto, deixando de ser visto como entidade inferior e potencialmente maléfica e passando a receber novas características, sendo caracterizado como um Guardião cuja responsabilidade é a de proteger os terreiros dos espíritos que praticam a magia negra, os Magos Negros. Neste artigo analisaremos as obras de dois dos principais autores espirituais desta corrente: Ângelo Inácio e Ramatís. Procuraremos perceber como suas obras propõem uma nova releitura da entidade Exu, distanciando-o ao máximo possível das visões inferiorizantes que o associavam a elementos infernais, e associando-o a novos papéis no interior do culto.

**Palavras-Chave:** Exu. Umbanda. Quimbanda. Apometria.

### **Introdução**

A partir de finais dos anos 90, surge uma nova forma de literatura umbandista. Na verdade, é melhor falarmos na Umbanda adentrando a literatura espírita, já que este é o campo discursivo no qual se inserem as obras destes autores. Não se trata, porém, de uma apropriação por parte dos autores umbandistas das explicações da doutrina kardecista. No caso aqui analisado se dá o contrário, ou seja, são intelectuais que se pretendem kardecistas, mas que, no entanto, inserem em suas obras explicações a respeito da

---

\* Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Este artigo é parte da pesquisa de doutorado intitulada “Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as resignificações de Exu no discurso umbandista”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).



Umbanda. Utilizando dos conceitos e da linguagem espírita, aos moldes das obras de importantes autores desta religião, como Divaldo P. Franco e o próprio Chico Xavier, estas obras procuram focar a religião umbandista à luz das ideias espíritas, trazendo novas abordagens em relação à literatura umbandista existente.

Apesar de se colocarem como pertencentes à doutrina espírita de Allan Kardec, as obras destes autores são bastante criticadas pelos membros do movimento espírita, em especial pela Federação Espírita Brasileira (FEB), que não os veem como autores espíritas, em virtude de sua aproximação com a Umbanda. Outra característica destas obras é a influência dos demais autores umbandistas, especialmente os da “Umbanda esotérica” de W. W. da Matta e Silva.

Neste artigo pretendemos analisar dois autores espirituais<sup>2</sup> pertencentes a esta nova corrente literária desenvolvida no seio da Umbanda. O primeiro destes autores espirituais é Ramatís, espírito que escreveu, pela técnica psicográfica, mais de 30 obras, com 4 médiuns diferentes. Suas primeiras obras, no entanto, eram de cunho espírita, trazendo apenas de relance algumas observações a respeito da Umbanda. Ele talvez seja um dos mais antigos autores espíritas do Brasil. Sua primeira obra, psicografada através do médium paranaense Hercílio Maes, foi lançada em 1955. A partir dos anos 2000, sua obra seria retomada através da parceria com o médium gaúcho Norberto Peixoto, que atua nos trabalhos da Casa do Jardim, em Porto Alegre, fundada pelo Dr. Azevedo e que teria, entre os anos 1970 e 80, sistematizado e desenvolvido a técnica da apometria, como veremos adiante. Por isso mesmo, as novas obras de Ramatís passam a focar os conhecimentos oriundos da apometria e da Umbanda. Já são 11 obras lançadas em parceria com este médium, mas procuraremos focar apenas três delas, lançadas entre os anos de 2003 e 2005, e que receberam o nome de “Trilogia: Apometria e Umbanda”.

O segundo autor espiritual que analisaremos é Ângelo Inácio, que através do médium Robson Pinheiro escreveu importantes romances com temática umbandista, além de importantes contribuições das técnicas apométricas. Natural de Minas Gerais, Robson

---

<sup>2</sup> Qualificamos como “autores espirituais” os trabalhos desenvolvidos por meio do que é conhecido no movimento espírita como “psicografia”, ou seja, quando acredita-se que um espírito tenha “ditado” a obra através de um médium – pessoa capaz de canalizar a escrita do espírito. Nestes casos, a religião espírita reconhece como verdadeiro autor o espírito, sendo o médium apenas o canal por meio do qual a obra pôde vir a ser escrita.



Pinheiro conta em sua biografia que teria se tornado espírita<sup>3</sup> a partir da intervenção de dois espíritos no dia de seu teste para se tornar pastor evangélico (religião que ele havia adotado). “De acordo com Pinheiro, os espíritos se comunicaram através dele, e deixaram rabiscada uma mensagem no chão da Igreja: ‘Termina aqui, hoje, seu estágio nesta religião’<sup>4</sup> (VIDAL, 2015, p. 4). A partir deste episódio, ocorrido em 1979, ele se converteria ao Espiritismo, e passaria a exercer importantes atividades nesta religião, como a fundação de centros espíritas e casas de caridade em várias cidades mineiras, chegando a fundar sua própria editora, a Casa dos Espíritos, atingindo assim total liberdade para lançar suas obras. Em 1998 ele inicia sua atividade como escritor psicográfico, lançando a obra *Tambores de Angola*, ditada pelo espírito Ângelo Inácio. Diferentemente de Ramatís, Inácio e Pinheiro se utilizam da narrativa romanceada para trazer seus ensinamentos a respeito da Umbanda e do Espiritismo. Para nossa análise destas obras nos utilizaremos dos referenciais teóricos da Análise do Discurso como propostas por Michel Foucault (2008, p. 134):

A análise do discurso está colocada, na maior parte do tempo, sob o duplo signo da totalidade e da pletora. Mostra-se como os diferentes textos de que tratamos remetem uns aos outros, se organizam em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comuns a toda uma época.

Analisaremos, portanto, como as obras destes autores trazem ideias que se relacionam entre si, além de receberem influências de diversas instituições e práticas que são “comuns a toda uma época”. A primeira prática da qual recebem influência é da chamada “apometria”, uma técnica de cunho espiritualista desenvolvida no Brasil em meados do século XX.

### **A técnica apométrica**

---

<sup>3</sup> Apesar de tratar de temas umbandistas, Robson Pinheiro sempre fez questão de se afirmar como um autor espírita. Podemos perceber isso não só pelo uso dos conceitos e nomenclaturas espíritas, como mediunidade, reencarnação, etc., como também pela sua tentativa de se vincular aos nomes de Chico Xavier e Allan Kardec como importantes referenciais em suas obras. No entanto, em seu discurso perceberemos inúmeras influências das ideias e conceitos de vários autores umbandistas, especialmente da corrente da “Umbanda esotérica” de W. W. da Matta e Silva.

<sup>4</sup> PINHEIRO, Robson. Os espíritos em minha vida. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 2008.



A grande diferença desta para as demais correntes umbandistas está na adoção, por parte destes autores, de uma corrente espiritualista surgida no Rio Grande do Sul na década de 60, denominada “Apometria”. Tal corrente, apesar de se afirmar como espírita, tem bastante influências da Sociedade Teosófica de Helena Blavatsky (1969), que exerceu forte influência nos autores umbandistas deste período no Brasil. As técnicas apométricas foram desenvolvidas por um farmacêutico porto-riquenho que vivia no Rio de Janeiro, o sr. Luiz J. Rodrigues. Em 1963 ele apresentara um trabalho no VI Congresso Espírita Pan-Americano, realizado em Buenos Aires de 05 a 12 de outubro deste ano, descrevendo uma nova técnica de tratamento intitulada “hipnometria”:

A Hipnometria desenvolvida pelo Sr. Rodrigues era, segunda [sic] as palavras deste, “uma projeção astral bem controlada, da qual participavam o operador, o paciente e os guias espirituais dos mesmos”, “A separação do espírito, nessa projeção astral, se obtém sem a necessidade das sugestões e sugestionalidade [sic] do hipnotismo”<sup>5</sup> (LINS; WEBER, 2015, p. 1580).

Na época a técnica defendida pelo sr. Luiz Rodrigues não teve grandes repercussões no meio espírita, não tendo sequer constado nos anais do evento, publicado em forma de livro posteriormente. No entanto ele chamou a atenção do sr. Conrado Ferrari, presidente do Hospital Espírita de Porto Alegre (HEPA), que estava presente à sua sessão de apresentações. Um ano após o ocorrido, o presidente do HEPA convidaria o sr. Rodrigues a dar uma pequena demonstração de sua técnica em seu hospital. Tais apresentações despertaram o interesse de um médico do referido hospital, o Dr. José Lacerda de Azevedo. Disposto a dar continuidade aos trabalhos do sr. Rodrigues, e com o apoio do presidente do hospital, ele teria um espaço dentro do HEPA para estudo e aplicação destas técnicas, agora rebatizadas por ele de “apometria”:

Desde seus primeiros envolvimento com a então Hipnometria, o Sr. Lacerda irá aprofundar seu comprometimento com a técnica, vindo a se tornar o principal responsável no estudo e emprego da mesma. Já nas primeiras experiências com a técnica, lhe é reservada pelo Sr. Ferrari, então presidente da HEPA, um espaço dentro da instituição do Hospital, uma casa reservada e cercada por jardins, conhecida internamente como “Casa do Jardim” alcunha que herdará a futura instituição criada pelo Sr. Lacerda. Os trabalhos realizados com a nascente técnica dentro do HEPA se estendem por mais de duas décadas, de 1964 até o ano de 1986, com a constante ajuda e apoio da instituição junto a figura do Sr. Lacerda. As experiências realizadas pelo grupo ao longo deste período fazem com que o Sr. Lacerda aprofunde seus conhecimentos e acabe tomando para si o protagonismo sobre os princípios da mesma, lançando o conjunto de suas ideias

---

<sup>5</sup> AZEVEDO, José L. Espírito / Matéria: novos horizontes para a medicina. 7ª ed. Porto Alegre: VEC Gráfica & Editora, 2007, s/p.



sobre o exercício da nova técnica em 1987, com o título, “Espírito/Matéria – Novos horizontes para a medicina”. Nesta obra, além de relatar um conjunto de experiências desenvolvidas por ele e seu grupo na “Casa do Jardim”, o Sr. Lacerda renomeia a técnica com o nome de “Apometria”, nome derivado de “apo = além de” e “metron = medida”, nome com que almeja expressar a abrangência de uma técnica baseada nos potenciais da mente somados a existência de corpos astrais justapostos em camadas finamente relacionados através dos mecanismos da encarnação (LINS; WEBER, 2015, p. 1581).

O sr. Conrado Ferrari falece em 1970, no entanto as presidências posteriores do HEPA continuam a dar apoio à realização dos trabalhos do Dr. Azevedo no interior do hospital. Somente em 1986 a nova diretoria da instituição faz o desligamento do Dr. Azevedo, fazendo com que este funde uma casa para continuar realizando seus trabalhos no ramo da apometria, a “Casa do Jardim”, que funciona até hoje, mesmo após o falecimento do Dr. Azevedo em 1997. Ele teria lançado ainda dois livros com o intuito de sistematizar sua técnica: *Espírito / Matéria: novos horizontes para a medicina* e outro intitulado *Energia e Espírito*.

A técnica apométrica utiliza conceitos de variadas doutrinas espiritualistas e filosóficas, como o próprio espiritismo de Allan Kardec e a teosofia, principalmente. Consiste, basicamente, na projeção do espírito dos encarnados para o mundo dos espíritos, onde estes seriam tratados pelos espíritos de médicos desencarnados. Ela promove assim uma inversão da técnica mais comum utilizada nos centros espíritas e terreiros de umbanda: a incorporação, que traz o espírito até o paciente. Aqui, é o paciente quem vai ao encontro dos espíritos, através de complexas técnicas de “projeções astrais”, chamadas na apometria de “desdobramento”.

A apometria se constituiria, então, de uma técnica que permite forçar nosso corpo espiritual a se desdobrar de nosso corpo físico para que ele possa realizar diversas atividades no mundo espiritual como visitas a “colônias do astral”, “trabalhos de resgate de espíritos sofredores, participando de caravanas de socorro organizadas naquela dimensão”, comparecer a “domicílios de enfermos encarnados, integrando equipes espirituais de limpeza de lares”, entre outras (AZEVEDO, 2002, p. 55).

Os trabalhos apométricos do Dr. Azevedo se aproximam bastante também dos rituais umbandistas. Espíritos de Pretos-Velhos e Caboclos são utilizados durante os rituais, auxiliando os médiuns desdobrados no trabalho de combate aos magos negros e a destruição de seus laboratórios das trevas. Este é mais um motivo para os conhecimentos



apoméricos serem renegados pelos kardecistas, uma vez que estes não reconhecem como válidos os preceitos umbandistas.

### **A cientificação de Exu na literatura umbandista**

Tanto Ramatís quanto Ângelo Inácio procuram em suas obras descortinar um novo universo espiritual desconhecido dos encarnados, até mesmo daqueles que professam o espiritismo kardecista. Para isto, os autores procuram ampliar a própria noção de mundo espiritual, utilizando conceitos oriundos da teosofia e da Umbanda aos já conhecidos pela doutrina espírita. O mundo espiritual passa a ser, assim, um local similar à Terra, apenas composto de um material diferente, onde espíritos desequilibrados e considerados de “baixa vibração” habitam as regiões mais inferiores deste mundo; enquanto os espíritos superiores e guias de luz ou espíritos que, em alguma medida, já aceitaram sua condição espiritual e agora são aprendizes das “leis universais” habitam elevadas colônias espirituais, localizadas em planos mais etéreos e menos materializados. Esta seria uma característica marcante destas obras: a descrição detalhada do “mundo astral”, ou seja, da “dimensão” em que vivem os espíritos depois que morrem. Tal universo é composto de variadas “dimensões”, de acordo com os diferentes níveis evolutivos que se acredita existirem. Utilizando-se da teoria espírita da evolução espiritual, tais espaços são colocados entre dois polos: um mais materializado, localizado próximo à Terra, e outro mais espiritualizado, colocado em dimensões afastadas da Terra.

Nessa perspectiva da “geografia da religião”, pode-se desde já ressaltar que os espaços dos espíritos, ou desencarnados, em Robson [Pinheiro] são bastante numerosos e diferenciados: há vários espaços habitados por diferentes grupos de espíritos e os mais evoluídos podem transitar entre eles. Nesses espaços astrais há pontos de recepção de espíritos recém-desencarnados, necessitados de ajuda e que a recebem em “hospitais” (ou “câmaras de socorro”), por meio de espíritos evoluídos que se propuseram a missão de ajudá-los (CONCONE; REZENDE, 2010, p. 54).

Também os terreiros e centros umbandistas possuem sua contraparte astral. Além do prédio físico, Robson Pinheiro descreve a existência de uma verdadeira fortaleza nos planos astrais, sobreposta ao lado material. Tal fortaleza funciona como uma espécie de “hospital”, para o qual são encaminhados os espíritos sofredores, seja acompanhando os encarnados que vão ao terreiro em busca de auxílio, sejam sozinhos. Além dos médiuns



e assistentes presentes nos terreiros, há a presença de inúmeros guias do lado espiritual fazendo a “limpeza” astral dos espíritos presentes, além de encaminhar os espíritos sofredores para locais onde receberão auxílio e tratamento.

Os espaços mais inferiores ficam localizados na própria crosta terrestre, sobrepondo-se às cidades e construções humanas. São compostos também de construções, mas “fabricados” de uma “matéria astralina e, portanto, invisível aos olhos comuns dos homens encarnados” (PINHEIRO; INÁCIO, 2005, p. 38). Tais ambientes são habitados por espíritos inferiores, que ainda estão muito aquém na escala evolutiva, e ainda se comprazem em práticas que visem prejudicar e fazer o mal aos outros. Os espíritos superiores podem transitar por estes espaços sem serem vistos pelos que ali habitam, capacidade decorrente de sua condição de “evoluídos espiritualmente”. Estes espíritos inferiores, ainda afeitos à matéria, transitam pelo nosso mundo, mas na dimensão do mundo dos mortos. Ainda mantém os mesmos sentidos que nós, e sentem as mesmas necessidades, como fome, sede, sono, desejos sexuais, etc. Para se satisfazerem, apegam-se aos encarnados, induzindo-os à saciedade desses desejos e causando-lhes toda sorte de desequilíbrios. São o que se conhece por “processos de obsessão”, já tão conhecidos pela doutrina de Kardec. No entanto, há uma nova forma de obsessão, as “obsessões complexas”, já descritas pelo Dr. Azevedo (2002), e que se caracterizam pelo uso de “aparelhos astrais”, implantados no corpo espiritual dos encarnados com o objetivo de lhes causar doenças ou outros problemas em suas vidas:

Nos casos obsessivos mais complexos, em que a magia negra atua por meio de formas-pensamentos altamente deletérias, bolsões de espíritos sofredores são “imantados” nos campos energéticos dos alvos visados em troca dos despachos pagos dos mais variados tipos e finalidades, caracterizando forte influência de campos magnéticos negativos e destruidores que se agravam sobremaneira com fixação de aparelhos parasitas no sistema nervoso etérico e instrumentos para provocar doenças as mais variadas (PEIXOTO; RAMATÍS, 2005, p. 64).

É o antigo conceito espírita da “obsessão”, agora atualizada com uma roupagem mais moderna e inovadora. Em laboratórios criados no mundo astral – com matéria astral, correspondente da matéria física existente no mundo terreno – estes espíritos desenvolvem aparelhos sofisticados para serem implantados no corpo espiritual de encarnados, permitindo a eles exercer controle mental sobre esta pessoa, ou com o objetivo de transmitir-lhes enfermidades diversas. Aqui os autores detalham melhor o conceito de “magos negros” ou “magos das trevas”, já esboçado em vários autores



umbandistas e descrito pelas obras apométricas do Dr. Azevedo. Tratam-se de espíritos com grande poder espiritual e um baixo nível de evolução moral. Por isso mesmo, utilizam-se desse poder para prejudicar e fazer o mal aos outros, especialmente aos encarnados:

Aqui e acolá, surgem, de época em época, aqueles irmãos nossos que se colocam em sintonia com as trevas e, desse modo, tornam-se instrumentos de inteligências vulgares para irradiar o mal em torno de si. São os chamados magos negros, encarnados e desencarnados, grandes médiuns das sombras (PINHEIRO; INÁCIO, 2004, p. 92).

Como são espíritos extremamente avançados intelectualmente, tendo sido importantes cientistas quando encarnados na Terra, conseguem se utilizar de inúmeros expedientes, como magnetismo, hipnose, até mesmo implantes cerebrais e outros artefatos tecnológicos desenvolvidos em seus laboratórios do plano astral. Os autores descrevem, assim, a existência de uma verdadeira ciência tecnológica do submundo astral, que visa desenvolver meios cada vez mais avançados de influenciar na vida dos encarnados e prejudicar-lhes a existência. Segundo Pinheiro e Inácio (2004, p. 180), os cientistas e magos negros “criam chips, implantes e outros tipos de aparelhos microscópicos, que poderão ser utilizados para atender a diversas solicitações, envolvendo processos obsessivos complexos”. Mas quais seriam as motivações destes espíritos ao realizarem estes atos? Os autores assim definem:

Os interesses dos espíritos das sombras são diversos, meu filho. [...] Há entidades que desejam apenas o domínio mental e emocional de suas vítimas. Outros espíritos, movidos pela vingança e que não sabem atormentar seus desafetos da forma eficaz e diabólica como desejam, contratam entidades especializadas nisso: há autênticas agências de prestação desse tipo de serviço escuso em pleno funcionamento nas regiões do submundo astral. E não se pode esquecer dos maiores das sombras, que intentam atrapalhar e adiar o progresso da humanidade (PINHEIRO; INÁCIO, 2004, p. 192).

A Umbanda teria como objetivo primordial o combate a estes “magos negros”, espíritos malignos que usam todo tipo de artifícios para prejudicar aos encarnados. Isso justificaria a existência desta religião, pois através de suas ritualísticas próprias, seria ela a única capaz de lidar com as vibrações mais pesadas e negativas desses espíritos, enquanto o Espiritismo kardecista apenas lidaria com as vibrações mais elevadas, de espíritos já em um adiantado grau evolutivo. Mesmo quando o Espiritismo realiza trabalhos de desobsessão espiritual, os espíritos obsessores ali combatidos já apresentam um nível maior de consciência, enquanto a Umbanda lida com os mais rebeldes. No



discurso dos autores, para estes espíritos, a simples doutrinação realizada pelos kardecistas não seria suficiente para afastá-los de seus propósitos, necessitando de processos mais enérgicos, que somente a Umbanda possuiria.

A apometria é então abraçada pelos autores como técnica capaz de auxiliar as entidades espirituais superiores no desmanche destas verdadeiras organizações das trevas, assim como libertar aqueles que são suas vítimas destes complexos processos obsessivos. Os médiuns, ao serem desdobrados pela técnica apométrica, tendo seus corpos físico e etérico separados através de pulsos magnéticos, atuam como se fossem espíritos desencarnados, podendo ver tais espíritos e até se movimentar no meio deles, fornecendo energia ectoplasma (que se acredita somente espíritos encarnados possuírem) aos espíritos superiores para que eles possam desestabilizar estas bases de organizações trevosas e seus aparelhos parasitas. Esta é a mesma substância que os espíritos trevosos se utilizam para construir objetos no mundo astral, como armas, aparelhos até construções imensas. Obtêm este ectoplasma dos despachos realizados para eles, ou sugam-lhes diretamente dos encarnados que se afinizarem com suas baixas vibrações.

O ectoplasma é a substância mais almejada e que maiores disputas gera no Umbral Inferior. [...] É o fluido denso que conseguem coletar, moldando-o às suas finalidades destrutivas. Para tanto, além dos despachos com sangue quente derramado e abundante desse “combustível plásmico”, se utilizam de encarnados, como hábeis manipuladores de fantoches (PEIXOTO; RAMATÍS, 2005, p. 72-73).

Todos estes elementos formam o discurso racionalizante que procura depurar as práticas umbandistas, atribuindo a ela apenas aspectos positivos. Os autores ampliam, assim, a lógica por trás dos despachos realizados a determinados espíritos, como forma de lhes pagar por serviços realizados contra terceiros, como é comum em muitos terreiros. Tais pagamentos iriam para os magos negros, espíritos trevosos que se utilizam até mesmo de avançados aparelhos tecnológicos astrais, como “aparelhos parasitas no sistema nervoso etérico e instrumentos para provocar doenças as mais variadas”. Tais aparelhos são desenvolvidos em modernos laboratórios, construídos de matéria astral nos planos inferiores do mundo astral, chamadas pelos autores de “bases de organizações trevosas”:

Uma organização especializada no mal, que é o sustentáculo astral de médiuns desviados da caridade desinteressada, que mercantilizam a mediunidade como se fosse balcão de escambo que a tudo resolve, geralmente tem locais em que se assentam seus equipamentos tecnológicos, centros de pesquisas, reservatórios



ectoplásmicos vampirizados, e, para espanto de alguns mais delicados, guardam suas armas como se fossem realmente uma tropa de combatentes. Isso é o que podeis entender como “base de organização trevosa”. Não é a cidadela dos desmandos em si, mas um local que lhe pertence, e o principal da estrutura malévolamente montada (PEIXOTO; RAMATÍS, 2005, p. 71-72).

Os autores procedem assim a um discurso cientifizador das práticas afro-brasileiras. O conceito de “magia”, já tradicional para explicar as práticas umbandistas, é sobreposto a ideias como a de “energias” e “vibrações”, que seriam manipuladas pelos magos no intuito de atingir seus objetivos. À própria ideia de mago é sobreposta uma outra: a de cientista, capaz de manipular estas energias em modernos laboratórios, criando inclusive desenvolvidos artefatos científicos para prejudicar os espíritos encarnados. Há, portanto, na fala destes autores a sobreposição dos discursos religioso e científico, criando associações como “magia/energia”, “mago/cientista”. Os próprios autores reconhecem esta sobreposição de discursos, ao afirmarem que “aquilo que no passado se denominava *magia* hoje se diz *ciência*; a palavra *cientista* substituiu a terminologia *magista*, ou seja, estudioso da magia (PINHEIRO; INÁCIO, 2004, p. 121, *grifos dos autores*).

Toda esta realidade maléfica não pode mais ser combatida apenas com as orações, pensamento positivo e rituais de desobsessão encontrados nos centros kardecistas, mas requerem técnicas mais enérgicas e incisivas de combate, chegando até mesmo ao combate “corpo-a-corpo” entre os espíritos das trevas e os guias de luz e guardiões. Para poder realizar estas atividades, os Umbandistas contam com o apoio de poderosos espíritos responsáveis por fazer a segurança dos terreiros. Segundo Maes e Ramatís (1967, p. 127), “a proteção dos filhos de terreiros é constituída por verdadeiras tropas de choque sob o comando de chefes experientes e decididos, conhecedores profundos da manha e astúcia dos magos negros”. Tais guardiões seriam os Exus e Pombagiras, aos quais Ramatís dedica um longo capítulo para explicar suas origens e funções nos rituais da Umbanda. Eles não se relacionam com as imagens que se fazem deles na maioria dos terreiros, como sendo “entidades com sérias deformações em seus corpos astrais, de baixa envergadura espiritual e obsessores de aluguel, contratados pelos mais variados tipos de despachos pagos” (PEIXOTO; RAMATÍS, 2005, p. 189). Estes não seriam os verdadeiros Exus, mas sim uma outra classe de espíritos, já desenvolvida por vários autores da “Umbanda esotérica” e que aqui são retomados mais uma vez: os quiumbas.

Muitos do próprio culto confundem os exus com outra classe de espíritos, que se manifestam à revelia em terreiros descompromissados com o bem. [...] esses



espíritos, com aspectos os mais bizarros, que se manifestam em médiuns são, na verdade, outra classe de entidades, espíritos marginalizados por seu comportamento ante a vida, verdadeiros bandos de obsessores, de vadios, que vagam sem rumo nos subplanos astrais e que são, muitas vezes, utilizados por outras inteligências, servindo a propósitos menos dignos (PINHEIRO; INÁCIO, 2005, p. 71-72).

Sobre estes estereótipos e ideias que geralmente se fazem dos Exus, associando-os a “seres infernais ou assassinos”, os autores as atribuem a ideias errôneas desenvolvidas, na maior parte das vezes, pelos próprios umbandistas, que confundem os Exus com os quiumbas, estes sim espíritos “galhofeiros, imorais, deselegantes, de vocabulário impróprio, [que baixam nos terreiros] xingando, enfim, tumultuando o ambiente” (PEIXOTO; RAMATÍS, 2005, p. 193). Estes quiumbas seriam utilizados nos rituais de magia negra realizados em terreiros que pretendem se fazer passar por Umbanda, mas que são na verdade de Quimbanda. Para os autores, portanto, os trabalhos de Quimbanda são trabalhos realizados para prejudicar a outras pessoas, associados aos rituais de magia negra:

O umbandista é o médium, o cavalo, o mago, o filho de terreiro, que só deve praticar o bem; e o quimbandeiro é o médium, o cavalo, o mago ou o filho do terreiro que só pratica o mal. O primeiro é um intérprete da linhagem angélica; o segundo é o marginal, o feiticeiro ou discípulo da linhagem diabólica. Obviamente, o verdadeiro umbandista só aceita serviços em benefício do próximo, enquanto o quimbandeiro mobiliza poderes mediúnicos e energias ocultas para auferir vantagens pessoais, embora prejudique o próximo. É o marginal de umbanda, tal qual o médium inescrupuloso e exilado da seara espírita. Ambos não merecem crédito, confiança ou assistência de boa qualidade, pois invertem o sentido benfeitor das iniciativas do mundo espiritual. E após desencarnarem pagarão bem caro essa traição no mundo carnal (MAES; RAMATÍS, 1967, p. 138).

A velha dicotomia entre “Umbanda – magia branca – Exus guardiões” e “Quimbanda – magia negra – quiumbas” é resgatada pelos autores e utilizada para explicar as variações existentes entre os terreiros. Os verdadeiros exus são agentes mágicos, que assim como os orixás não incorporam nos médiuns. O que vemos incorporados nos terreiros, segundo Peixoto e Ramatís (2005a, p. 192) são espíritos que “trabalham na linha vibratória de determinados Exus, e, por associação, passaram a ser identificados com esses nomes”. Mas sua principal função dentro dos terreiros é servir como guardiões destas casas, fazendo o serviço de segurança, evitando que espíritos das trevas atrapalhem o andamento dos mesmos, atuando ostensivamente no combate aos magos negros. Assim, os Exus



[...] desmancham e neutralizam trabalhos de magia negra, desfazem formas-pensamentos mórbidas, retêm espíritos das organizações trevosas e desfazem as habitações dessas cidadelas; removem espíritos doentes que estão vampirizando encarnados; retiram aparelhos parasitas, reconfiguram espíritos deformados em seus corpos astrais; desintegram feitiçarias, amuletos, talismãs e campos de forças diversos que estejam vibrando etericamente; atuam em todo campo da magia necessário para o restabelecimento e equilíbrio existencial dos que estão sendo socorridos (PEIXOTO; RAMATÍS, 2004, p. 70-71).

Existiriam, portanto, duas classes de Exus: os agentes mágicos, comparáveis aos orixás, seres que não encarnam nem incorporam, mas atuam junto aos orixás na administração do universo; e os espíritos de pessoas que já foram encarnados e após a morte se “exunizaram”, ou seja, que trabalham sob a vibração desse agente mágico e atuam principalmente no combate aos magos e cientistas das trevas. Na concepção desta “Umbanda científica”, portanto, Exus seriam espíritos que, após desencarnarem, se especializaram na tarefa de desmanchar trabalhos de magia negra e proteger aos trabalhadores do bem. Eles existiriam para combater os magos negros e suas hordas de espíritos malignos e são descritos pelos autores como os guardiões do mundo astral, “espíritos responsáveis pela disciplina e pela ordem no ambiente” (PINHEIRO; INÁCIO, 2005, p. 70). Esta seria a principal característica deste campo discursivo: o discurso que coloca os exus como “policiais do astral”, ou seja, aqueles responsáveis por combater os espíritos inferiores e malignos, além de protegerem os terreiros e casas de Umbanda dos possíveis ataques sofridos por estes espíritos, classificados por ele como “quiumbas”. Apesar deste discurso já estar presente em outros autores, aqui ele é muito mais aprofundado. Segundo Pinheiro e Inácio (2005, p. 70), os Exus

conhecem profundamente certas regiões do submundo astral e são temidos pela sua rigidez e disciplina. Formam, por assim dizer, a nossa força de defesa, pois não ignora que lidamos, em um número imenso de vezes, com entidades perversas, espíritos de baixa vibração e verdadeiros marginais do mundo astral [...].

A descrição destas entidades do astral reflete sua natureza “militar”, assim como suas várias histórias de vida envolvem sempre o desenvolvimento de atividades militares. “Generais, guerreiros, soldados, comandantes ou os simples recrutas, das diversas forças armadas da Terra, são aproveitados com a experiência que adquiriram” (PINHEIRO; INÁCIO, 2004, p. 135). Usam inclusive um uniforme, que o autor descreve como sendo “militar de um tipo futurista”, que funcionaria como um “defletor energético”, permitindo ao guardião que não seja identificado pelas entidades das trevas às quais ele tem a



responsabilidade de combater, tornando-o invisível a estas entidades e permitindo-lhe assim cumprir suas missões junto aos locais onde elas se encontram:

A aparência é a de um militar. Isso mesmo. Ele parece um militar, dos que impõem respeito e inspiram autoridade. [...] Tudo indica que o espírito que está diante de mim é um perfeito cavalheiro em seus modos, embora tão firme e cheio de decisão que não permite vacilações. Alto, magro – esbelto, na verdade. Veste-se com um traje que associei a um uniforme militar do tipo futurista, mas que não chega a ser exagerado. Sobre os ombros, uma capa desce-lhe até os tornozelos. É um tecido curioso que compõe aquela indumentária toda. Nas mãos, segura uma espécie de lança, que absolutamente não combina com seu traje, mas que há de ter uma finalidade (PINHEIRO; INÁCIO, 2004, p. 129).

Entre as funções desempenhadas por estes guardiões o autor destaca a proteção espiritual de pessoas importantes para o trabalho espírita, assim como de instituições, comunidades e até mesmo povos inteiros. Existiria inclusive uma organização de guardiões, chamada por ele de “Comando nº 1”, responsáveis pela investigação dos planos dos magos negros, nos moldes das agências de espionagem da Terra:

Temos diversas atribuições junto à humanidade, desde a proteção individual a pessoas que têm responsabilidades espirituais, sociais, religiosas ou políticas, à proteção de comunidades, países, continentes e do próprio planeta. As atribuições dependem sobretudo da hierarquia a qual pertencemos. Um grupo de guardiões mais experientes e com conhecimento atualizado pode ser responsável pela manutenção da paz mundial, trabalhando junto a lideranças políticas ou religiosas, nos bastidores das intrigas internacionais (PINHEIRO; INÁCIO, 2004, p. 131).

A principal diferença dos Exus desta corrente umbandista para as demais é que aqui já não se admite mais a possibilidade de os Exus da Umbanda praticarem o mal, ou seja, de atenderem pedidos que visem prejudicar a outras pessoas. Na “Umbanda científica”, Exu é concebido como um policial a serviço dos guias de luz, um guardião que combate aos espíritos trevosos e que, portanto, visa apenas o bem. Apesar de utilizarem a terminologia teosofista, comparando-o com o Agente Mágico Universal, não há aqui o desenvolvimento da ideia de que os Exus seriam agentes neutros, que podem realizar tanto o bem quanto o mal. Esta ideia, que seria a base da “Umbanda esotérica”, não está presente na “Umbanda científica”. Sua atribuição como Agentes Mágicos é apenas superficial, não atribuindo a eles todas as características destes agentes conforme desenvolvidos pelos autores anteriores. A maior ênfase desta corrente de autores é no caráter protetor de Exu, realçando de forma muito mais detalhada as funções do Exu como guardião dos terreiros.



A respeito das denominações utilizadas nos terreiros, que se referem a eles como Exus, Pinheiro e Inácio (2004, p. 140) recorrem às teologias iorubas para explicar a origem e funções do orixá Exu em África. Sendo ele o orixá responsável pela abertura dos caminhos, mensageiro dos orixás, assim como seu caráter protetor das casas e cidades dos iorubanos, foi facilmente identificado pelos membros de terreiros com os guardiões espirituais. Para eles, não importam os nomes com que os identificam, apenas que tenham condições de cumprir bem suas funções no mundo espiritual. Como existe uma hierarquia entre estes seres, similar às patentes de um exército militar, existem espíritos de todo nível de desenvolvimento espiritual entre eles: desde os mais esclarecidos, que ocupam os postos mais altos, até os iniciantes, aqueles que ainda não estão familiarizados com as regras e tarefas que tem que desempenhar: os chamados quiumbas. São estes últimos que, muitas vezes, “entram em sintonia com médiuns ignorantes, estabelecendo com eles uma ligação energética doentia ou infeliz” (PINHEIRO; INÁCIO, 2004, p. 143).

Assim, os autores conseguem abarcar toda a gama de espíritos que compõem o imaginário umbandista dentro de um terreiro. Os espíritos que baixam como Exus durante os rituais seriam aqueles de patente intermediária, que ainda estão em fase de aprendizado de suas funções como exus. Além destes, existem ainda os de patente mais alta, que não precisam baixar mais nos terreiros, que atuam apenas no mundo astral, se especializando nas tarefas de proteção espiritual a pessoas e grupos que fazem o trabalho de atendimento às pessoas necessitadas. E por último existiriam aqueles que estão se iniciando nas atividades como Exus e podem, eventualmente, se ligar a trabalhos de magia negra, por desconhecimento das leis espirituais, e que recebem a denominação de quiumbas.

### **Considerações finais**

Pudemos notar na fala dos autores aqui analisados a sobreposição dos vários discursos já construídos a respeito de Exu pela intelectualidade umbandista. Os campos discursivos construídos ao longo do século XX pelos autores umbandistas que se dedicaram a analisar o papel de Exu forneceram as bases para que pudéssemos chegar aos discursos desta “Umbanda científica” no século XXI. Notamos que os discursos se interpenetram e se relacionam, de forma que elementos desenvolvidos por um são



facilmente encontrados em outros campos. Isto está de acordo com o que Foucault (2008, p. 144) define como uma das características de uma “formação discursiva”:

As diferentes obras, os livros dispersos, toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva (...) todas essas figuras e individualidades diversas não comunicam apenas pelo encadeamento lógico das proposições que eles apresentam, nem pela recorrência dos temas, nem pela pertinência de uma significação transmitida, esquecida, redescoberta; comunicam pela forma de positividade de seus discursos. Ou, mais exatamente, essa forma de positividade (e as condições de exercício da função enunciativa) define um campo em que, eventualmente, podem ser desenvolvidos identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos.

A identidade do Exu na Umbanda é, assim, descrita no âmbito dessa positividade dos discursos enunciados a seu respeito. O conjunto destas obras formam um campo discursivo que procura atribuir ao Exu uma série de características, por vezes complementares, por vezes conflitantes, e são estas relações que nos permitem reconhecê-las como formações discursivas:

Relações entre os enunciados (mesmo que escapem à consciência do autor; mesmo que se trate de enunciados que não têm o mesmo autor; mesmo que os autores não se conheçam); relações entre grupos de enunciados assim estabelecidos (mesmo que esses grupos não remetam aos mesmos domínios nem a domínios vizinhos; mesmo que não tenham o mesmo nível formal; mesmo que não constituam o lugar de trocas que podem ser determinadas); relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimentos de uma ordem inteiramente diferente (técnica, econômica, social, política) (FOUCAULT, 2008, p. 32).

Pudemos perceber, assim, como o conjunto das obras que compõem o campo umbandista apresentam em seu interior discursos totalmente distintos a respeito de Exu. Cada um destes discursos o interpretou de forma distinta, ainda que em partes possamos relacioná-los uns aos outros. Influenciados pelo imaginário social, e por determinadas instituições religiosas (como o catolicismo, o espiritismo, a teosofia, etc.), tais discursos procuraram interpretar Exu a sua maneira, intercambiando determinados elementos, mas mantendo uma base identitária que nos permita classificá-lo.

## Referências

AZEVEDO, José L. **Espírito / Matéria**: novos horizontes para a medicina. 7ª ed. Porto Alegre: VEC Gráfica & Editora, 2002.



BLAVATSKY, Helena P. **A doutrina secreta** - síntese da ciência, da religião e da filosofia. Volume I - Cosmogênese. São Paulo: Pensamento, 1969.

CONCONE, Maria Helena V. B.; REZENDE, Eliane G. A Umbanda nos romances espíritas kardecistas. **RECIIS** – Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde, v.4, n.3, p.51-62, Set./2010. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LINS, Dalvan A. S.; WEBER, Beatriz T. Religião e Ciência: a Apometria entre dois mundos. **Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR**, 15 a 17 de abril de 2015. Juiz de Fora (MG): ABHR, 2015.

MAES, Hercílio; RAMATÍS [Espírito]. **A missão do Espiritismo**. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 1967.

PEIXOTO, Norberto; RAMATÍS [Espírito]. **Jardim dos Orixás**. Trilogia: Apometria e Umbanda – Livro 2. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2004.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Evolução no Planeta Azul**: a apometria como terapêutica do homem-espírito. Trilogia: Apometria e Umbanda – Livro 1. 2ª ed. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2005.

PINHEIRO, Robson; INÁCIO, Ângelo [Espírito]. **Aruanda**. Contagem (MG): Casa dos Espíritos, 2004.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Tambores de Angola**. Contagem (MG): Casa dos Espíritos, 2005.

VIDAL, Fabiano C. M. Robson Pinheiro e o desenvolvimento de um “Espiritismo de inclusão”. **Anais do IV Congresso da ANPTECRE**, v. 05, 2015.